

## **O outro lado do American Way of Life: o retrato da desilusão através da literatura norte-americana do século XX.**

Heitor D. Duarte Teixeira  
Graduando em História - UNIRIO  
heitordt@gmail.com

### **Resumo:**

O presente artigo tem como objetivo discutir as oposições ao conceito de American Way of Life - inerente à sociedade americana desde sua formação, destacado por Tocqueville no século XIX e finalmente “forjado” no início do século XX. Essa análise foi feita através da obra de três conhecidos e famosos escritores americanos (William Faulkner, J. D. Salinger e John Steinbeck) e tenta demonstrar que este chamado “plano” nunca alcançou uma unanimidade como muitos pensam. O tema dos excluídos e dos descontentes com o modelo está inserido nas três obras literárias escolhidas que fazem um paralelo interessante com a história dos Estados Unidos além de um claro retrato de seus respectivos tempos e espaços.

**Palavras-chave:** História dos Estados Unidos; American Way of Life; literatura.

### **Abstract:**

This paper aims to discuss the oppositions to the concept of American Way of Life - inherent to American society since its formation, highlighted by Tocqueville in the 19<sup>th</sup> century and finally “forged” in the 20<sup>th</sup> century. This analysis was made through the work of three well-known and famous American writers (William Faulkner, J. D. Salinger e John Steinbeck) and tries to demonstrate that this called “plan” never achieved unanimity, as thought by many people. The theme - the excluded and the discontented about this model - is inserted on this three chosen books, which do an interesting parallel with the United States of America’s history and a make clear reproduction of their specific time-spaces.

**Keywords:** History of the United States; American Way of Life; literature.

### **Introdução**

“Para o bem ou para o mal, o destino do planeta está associado aos Estados Unidos da América”. Com essa frase o professor Leandro Karnal explicita a inegável e definitiva importância dos Estados Unidos da América na conjuntura geral da história do século XX. Sobre tudo nos primeiros cinquenta anos do século já citado, o país tomou definitivamente as rédeas e o “cargo” de país hegemônico global onde – e aqui depende muito o conceito utilizado de hegemonia<sup>72</sup> - segundo alguns teóricos, se mantém até a atualidade. Se definirmos hegemonia como a supremacia de um Estado-Nação dentro de um sistema e que exerce sobre as demais uma preeminência não só militar, como também frequentemente econômica e cultural, inspirando-lhes e condicionando-lhes as opções, tanto por força do seu prestígio, como em virtude do seu elevado potencial de intimidação e coerção<sup>73</sup> é difícil não se pensar os Estados Unidos ainda como um país hegemônico.

Este movimento de ascensão do país teve seu auge no pós-Segunda Guerra, mas seus primeiros contornos já se delineavam em meados do século XIX e tornaram-se mais claros na década de 1920. Devido a contextos socioeconômicos que serão discutidos a seguir, os Estados Unidos experimentaram um período de prosperidade e bem-estar social nunca vistos em sua e talvez em toda a história. Esse modelo de classe média branca, confortável, bem remunerada e inserida no mercado de consumo exportado para todo o mundo através da grande influência do país é conhecido como *American Way of Life*.

O conceito é amplamente conhecido, mesmo que ainda haja alguns equívocos recorrentemente cometidos sobre o termo. O maior deles provavelmente é o da generalização. Imagina-se que o consumo, o conforto e abundância chegaram a todos os norte-americanos sem exceção, o que está longe de ser verdade. Essas benesses passaram longe de muitos lares dos Estados Unidos, sobretudo de negros, habitantes de regiões afastadas dos grandes centros, imigrantes e uma nova camada urbana branca (sobretudo imigrante) e pobre que crescia. Os Anos Dourados ou Trinta Gloriosos não foram tão bons para todos e, mesmo entre os chamados “inseridos”, não havia uma unanimidade de conformados. Essa situação de desagrado culminou em movimentos de revolta a partir da década de 1960, mas desde muito antes esse inconformismo já se via presente na sociedade americana.

---

<sup>72</sup> NYE Jr, Joseph S. *O paradoxo do poder americano*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002. p. 41.

<sup>73</sup> BOBBIO, Norberto (org). *Dicionário de Política*. 5ª edição. Ed. UnB: Brasília, 2001. p. 579.

O presente artigo tem o intuito de analisar a exclusão e insatisfação ao *American Way of Life* através de livros - em sua maioria clássicos - da literatura norte-americana do século XX. Os autores escolhidos são: John Steinbeck, Jerome D. Salinger e William Faulkner. Foram escolhidos por sua relevância e importância a alguns temas a serem debatidos como a questão do trabalho e do trabalhador, do imigrante, da decadência do Sul pós-guerra civil e sua não inserção ao “Norte”, da degradação da sociedade americana e a desilusão com o modelo estabelecido. Algumas são as diferenças entre eles, mas mais marcantes são as semelhanças. E as semelhanças mais comuns a todos os escritores - e mais pontuais nos três escolhidos - como característica sempre presente em suas obras são as descrições muito minuciosas do momento histórico da narrativa e da sociedade americana, o modo de vida, as características típicas das diversas regiões do país, sua cultura, mentalidades, sociedade e história.

### **A Gênese do *American Way of Life* e seu conceito**

Antes de começar a analisar algumas das obras literárias norte-americanas do século XX escolhidas a procura de elementos do *American way of life* e suas críticas e preciso definir o que ele é realmente, pretendendo sempre estar livre de qualquer juízo de valor ou conceito pré-concebido pelo senso comum. Uma pesquisa, sobretudo sobre os Estados Unidos, alvo de amor e ódio, deve ser o mais imparcial possível, livrando-se da imagem de “farol da civilização” ou “Grande Satã”.

O conceito mais discutido e conhecido atualmente é de uma “política desenvolvida no entre guerras e plenamente implementada pós - Segunda Guerra Mundial e exportado para o mundo, como modelo de qualidade de vida”. É acusado como raiz de muitos males como o consumo de massas, a cultura de massa homogeneizante, o trabalho estritamente masculino deixando as mulheres no trabalho doméstico, o desdém as questões sociais dentre outras mazelas.

Sabe-se que tudo isso realmente ocorreu não como uma política implementada, mas como resultado de um contexto histórico e econômico favorável vivido pelos Estados Unidos na primeira metade do século XX. A junção de uma União fortalecida no pós-guerra - e grande motor da economia americana -, de sindicatos fortes que através da ação coletiva conseguiram um maior poder aquisitivo para o trabalhador e de corporações fortes

proporcionou uma produção em massa que conseqüentemente exigia um consumo também de massa<sup>74</sup>. Este foi estimulado pelo grande leque de novos bens duráveis, eletrodomésticos, automóveis, residências de subúrbio e o consumo do lazer. Este último, que até então era encontrado em parques e espaços ao ar livre (tradicionalmente gratuitos) gradativamente foi sendo substituído por diversões pagas como cinema, espetáculos teatrais, parques de diversões entre outros<sup>75</sup>. Em *Era dos Extremos* Eric Hobsbawm aponta para uma explicação segundo as curvas de Kondratiev, teoria do economista russo de mesmo nome, num período de alta como o grande boom vitoriano de 1850-73 coincidentemente ou não com exato um século de distância<sup>76</sup>.

Como já foi adiantado na introdução deste artigo o conceito de *American Way of Life* é anterior ao século XX e ao surto de produção e consumo nos Estados Unidos. A idéia de um modo de vida especificamente americano e inerente a sua sociedade está arraigada à cultura norte-americana, peculiaridade que vinha desde o início da colonização do país. O “Destino Manifesto” e a autovisão dos colonos como escolhidos de Deus, fugidos da Inglaterra suja e Macbethiana tal qual os hebreus (o povo escolhido original) saíram do Egito como bem compara Leandro Karnal<sup>77</sup>.

Destinados a povoar e colonizar toda aquela terra essa idéia é o embrião dessa chamada peculiaridade americana. Entretanto, podemos dizer que o primeiro a enxergá-la de modo coeso (além de ser uma visão “de fora”) foi pensador francês Alexis de Tocqueville. Tocqueville chegou aos Estados Unidos em 1831 e viajando pelo país fazendo anotações e tentando compreender aquela sociedade na qual as pessoas nasciam com igualdade de condições e que era berço de uma revolução democrática em curso. Era grande entusiasta do presidente da época, Andrew Jackson, e da chamada democracia Jacksoniana, de fala e políticas populares como a briga contra o Segundo Banco dos Estados Unidos<sup>78</sup>. Tomado pelo exemplo dos Estados Unidos do século XIX pré-Guerra

---

<sup>74</sup> Para entender melhor o processo de movimentos sindicais nos Estados Unidos, cf. LIMONCIC, Flávio. “O problema do conservadorismo dos trabalhadores americanos e a nova história do trabalho”. In: *Revista Cultura Vozes*, Rio de Janeiro, v. 95, n. 2, mar/abr 2001, p. 94-110.

<sup>75</sup> LIMONCIC, Flávio. “*American Way of Life*” In: SILVA, Francisco C. Teixeira da (org.) *Enciclopédias de Guerras e Revoluções do século XX*. Rio de Janeiro: Campus, 2004. Pp. 118-19.

<sup>76</sup> HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1989)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 263.

<sup>77</sup> KARNAL, Leandro et al. *História do Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 33.

<sup>78</sup> Andrew Jackson (1767-1845 e presidente de 1829 a 1837) era um homem simples do Tennessee e “pai” do Partido Democrata acreditava com certa razão que os grandes bancos eram os maiores responsáveis pela concentração de renda e privilegiavam ainda mais o Norte que o Sul. Por isso em 1832 vetou o pedido de renovar a carta patente do banco.

Civil acreditava que somente pela igualdade uma sociedade poderia chegar a um grau final de organização ideal: a democracia<sup>79</sup>.

Para o sociólogo e pensador político Raymond Aron a obra mais importante de Tocqueville, *A democracia na América* está dividida em quatro grandes temas espalhados em seus dois tomos. Na primeira ele estabelece as conseqüências da sociedade democrática sobre o movimento intelectual: idéias, religião, literatura, poesia e artes. Na segunda, a partir dos traços estruturais da sociedade democrática, Tocqueville procura acentuar os sentimentos fundamentais em toda sociedade desse tipo, onde reina a paixão pela igualdade, independência social e liberdade. A terceira parte trata dos costumes, que sociedades democráticas são menos dadas a violência e revolução (pelo desejo de preservação própria e de seu patrimônio) ainda que mais quereosas. A quarta e última parte é a conclusão, na qual ele diz:

*“As sociedades modernas são atravessadas por duas revoluções; uma tende a realizar a igualdade crescente de condições, a uniformidade das maneiras de viver, mas também a concentrar cada vez mais a administração na cúpula, a reforçar indefinidamente os poderes da gestão administrativa; a outra debilita sem cessar os poderes tradicionais”*<sup>80</sup>.

O caso americano foi especialmente bem-sucedido por um detalhe que Tocqueville escreveu em sua obra mais importante, *A democracia na América*: as particularidades que a sociedade nos Estados Unidos apresentavam e que se diferiam de outras sociedades, sobretudo as européias. Esse pensamento foi uma das bases de uma historiografia marcada pela “excepcionalidade” dos Estados Unidos da América. Esta visão historiográfica passava a pintura de uma sociedade americana sem conflitos na qual, ao contrário da sociedade européia, haveria um consenso sobre seus fins últimos. Essa visão idílica da sociedade americana dizia que:

- a) A história norte-americana é única e diferente de todas as outras por isso excepcional (e melhor) pela não existência do feudalismo em seu passado e com fronteiras físicas abertas para a expansão, diferentemente da Europa;
- b) Ausência de uma monarquia e o enfoque em torno da República e da Constituição;

---

<sup>79</sup> Vale lembrar que falamos de uma democracia para os detentores do status de cidadão americano, ou seja, uma população essencialmente masculina e branca.

<sup>80</sup> ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 234.

- c) Apropriação das idéias iluministas e da tradição evangélica e do Destino Manifesto e a crença de um país aberto à ascensão social através do trabalho (fronteiras sociais abertas).

Sobre o Iluminismo e a importância do trabalho e da igualdade naquela nova sociedade que se formava (e de alguma forma era tão diferente da realidade européia), Tocqueville afirma:

*“Não existe profissão em que não se trabalhe por dinheiro. O salário que é comum a todas dá a todas um ar de família. (...) Isto serve para explicar as opiniões dos americanos com relação às diversas profissões. Os empregados nos Estados Unidos não se consideram degradados porque trabalham, já que a sua volta todos trabalham. Não se sentem diminuídos pela idéia que recebem um salário, pois o Presidente dos Estados Unidos também recebe um salário. Ele é pago para comandar, como os empregados recebem para servir. Nos Estados Unidos, as profissões são penosas e lucrativas em diferentes graus, mas nunca são elevadas ou baixas. Toda profissão é honesta e honrosa”<sup>81</sup>.*

Essa visão idealizada da sociedade americana caiu por terra, como foi adiantado, a partir da década de 1960. Movimentos de contra-cultura e o New Left levaram a superfície questões sociais como a das mulheres, negros, imigrantes, homossexuais, questões ambientais, insatisfações nos rumos políticos do país especialmente a Guerra do Vietnã ou simplesmente o sentimento de contestação do antigo e a experimentação do novo (movimento hippie). Foram fatores preponderantes também a morte do presidente John Kennedy, seu irmão senador e candidato à presidência Robert Kennedy e do ativista pelos direitos dos negros, Martin Luther King.

Como foi visto não faltaram temas para que homens como Salinger, Faulkner e Steinbeck entre outros citados ou não neste trabalho pudessem expressar através da literatura uma sociedade na qual as mazelas estavam ocultadas, mas que sem dúvida nenhuma existiam.

### **The South shall rise again: Faulkner e o retrato da exclusão do Sul.**

Como foi dito anteriormente entende-se o *American Way of Life* como a exacerbação da cultura norte-americana, da predestinação puritana do êxito e de produção e consumo

---

<sup>81</sup> TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 1988. t. 1, vol. 2. p. 159.

de massas, inserindo todos os cidadãos dos Estados Unidos ao mercado consumidor. Nessa visão grosseira mais recorrente sobre o *American Way of Life* já estão inseridos dois erros de generalização: o primeiro é não considerar as diferenças dentro do conceito de cultura americana, que variam de região para região de um país geograficamente tão extenso. O segundo é acreditar que o consumo de massa e conforto social chegou em todos os lares americanos. E entre os maiores esquecidos estão os estados do Sul, tratados como diferentes desde antes da guerra de Secessão e, depois de destruídos excluídos das políticas que vinham de Washington, do Norte: isto é, dos vencedores.

William Faulkner, autor americano, nascido em 1897 no estado do Mississippi, retratou com muito lirismo a dor e a decadência do Sul dos Estados Unidos. Suas obras todas se passam no condado fictício de Yoknapatawpha<sup>82</sup> em seu estado natal. Não por acaso o estado ainda carrega em sua bandeira a bandeira dos confederados, os derrotados da terrível guerra civil que arruinou a economia e a moral dos estados do Sul. Dentre tantas obras a escolhida foi *Absalom, Absalom* de 1936. A história não segue uma ordem cronológica linear e seu cenário é a cidade de Jefferson antes, durante e depois da Guerra Civil (1861-1865). O recorte temporal obviamente não coincide com o conceito de *American Way of Life* do século XX, mas o livro, escrito nos turbulentos anos pós-Crise de 29, de governo Roosevelt e New Deal, é uma visão de seu tempo sobre a decadência do Sul.

O enredo é a história de três famílias de Jefferson: os Compson, os Coldfield e, sobretudo os Sutpen e seu patriarca, Thomas Sutpen. Em 1910 Quentin Compson prepara-se para estudar em Harvard e deixar o Sul, mas é convidado por Rosa Coldfield, uma senhora sozinha para ouvir a história de Jefferson que de certa forma se mistura com a das três famílias. Os “flashbacks” de Rosa são a tentativa de passar adiante a história, pois acreditava que ela e o Sul morreriam em breve, assim como suas memórias.

Ela começa contando como Thomas Sutpen chegou a cidade misteriosamente acompanhado de um pistola e dois escravos. Ele construiu a Vila Sutpen a algumas milhas da cidade e, para desviar-se do estigma de forasteiro que sofria, casou-se com a filha de um morador antigo de Jefferson: Ellen, a filha de Goodhue Coldfield. Eles tiveram dois filhos, Henry e Judith (além de Clytie, filha primogênita de Thomas com uma escrava) e quatro anos depois nasce Rosa Coldfield, irmã temporã de Ellen. Quando Henry ingressa na

---

<sup>82</sup> Interessante ressaltar que as diversas obras e histórias paralelas do condado de Yoknapatawpha se cruzam em determinados momentos. Thomas Sutpen serve na Guerra Civil ao lado do Coronel Sartoris, personagem central do livro *Sartoris* de 1927 e reeditado sob o nome de *Flags in the Dust* em 1973.

universidade conhece Charles Bon, rapaz mais velho vindo de Nova Orleans que logo é arranjado para casar-se com Judith.

Antes da guerra as coisas eram relativamente tranqüilas naquela cidade longínqua do Mississippi. O ano de 1861 (e com ele o início da guerra) é nas próprias palavras de Faulkner o começo da morte de Jefferson e do Sul. Thomas, Henry e Bon são convocados. Ellen morre logo depois. Goodhue deprimido e fugindo do alistamento suicida-se. Judith, Clytie e Rosa sobrevivem de uma pequena plantação (a grande monocultura fora destruída por pilhagens, quando não confiscadas<sup>83</sup>) e de pequenos furtos dos vizinhos. Durante a guerra Charles Bon escreve a sua pretendida e um trecho explicita muito bem a situação deplorável das tropas confederadas e do próprio Sul:

*“Você bem nos imaginar: um grupo homogêneo de espantalhos, eu não diria esfomeados, porque para uma mulher, tanto senhora quanto moça, abaixo de Madison e Dixon, neste ano da graça de 1865, esta palavra seria mera redundância, seria o mesmo que dizer que ainda respiramos (...) E porque nessa folha de papel que você tem agora em mãos está o melhor do velho Sul, que está morto, e as palavras que você lê foram traçadas sobre ela como o melhor que o novo Norte conquistou e que, portanto, gostando ou não gostando, terá de sobreviver E agora acredito que você e eu estamos, o que é muito estranho, incluídos entre aqueles que estão condenados a viver”<sup>84</sup>.*

Os três retornam vivos da guerra, mas uma trama intricada (entre tantas tramas de relacionamento tão ou mais intrincadas) faz Henry Sutpen matar Charles Bon, acentuando o destino decadente daquela família e do Sul. Num salto temporal de volta ao ano de 1910 Quentin Compson é constantemente interrogado por seu companheiro de quarto Shreve, um filho do Norte, sobre aquele Sul já tão distante da realidade que ele viveu.

Através das cartas de seu pai, Quentin é comunicado da morte, um a um, daqueles personagens que fazem parte do passado de Jefferson, inclusive daquele que foi a figura mais importante: Thomas Sutpen. Ele, visto nas descrições de Rosa Coldfield como um demônio, péssimo marido para sua irmã e pai ausente entrega-se ao alcoolismo antes de morrer. Entretanto este homem de poucas palavras também é vítima de seu meio: uma família problemática e humilde de uma região que, em 1909 era parte da Virginia Ocidental, e é retratado de outra forma através dos relatos passados pela família Compson e como o preconceito da cidade de Jefferson a ele era infundado (todos acreditavam tratar-se de um ladrão de bancos). Isso retrata como Faulkner preocupa-se com a questão de

---

<sup>83</sup> As Leis de Confisco (1861-2) que determinavam que todas as fazendas confederadas tomadas pela União seriam confiscadas e os escravos capturados ou fugidos declarados livres.

<sup>84</sup> FAULKNER, William. *Absalom! Absalom!* 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1981. pp. 118-9.

como a história pode ser contada de diversas perspectivas sem que haja uma verdade única: são diversas visões e por isso diversas interpretações sobre um fato são possíveis.

Quentin concluiu que a história de Thomas Sutpen é a história do Sul em geral: da ascensão e queda da economia do plantation. Sua derrota em conduzir aquela economia destruída é o retrato da desgraça do Sul e sua não inserção ao Norte. A questão do negro a partir da visão do branco também é um fator essencial no entendimento da obra, pois o Norte utilizou-se da oposição da escravidão para mascarar seu verdadeiro objetivo: evitar a secessão da unidade nacional. A XIII Emenda da Constituição americana aboliu a escravidão, mas anos que se seguiram ao fim da guerra ainda foram de muita segregação com duras leis restritivas conhecidas como “*Black Codes*”.

Possivelmente Faulkner optou pela não linearidade da narrativa para explicitar como as questões ainda se mostravam presentes nos Estados Unidos de 1936: passado e presente se misturam constantemente nas narrativas. Sua visão sobre o Sul era de alguém nascido no “*deep south*”<sup>85</sup> como uma região outrora rica e poderosa, que tinha sua própria maneira e própria cultura e, com as feridas abertas e o vácuo deixado pela Guerra Civil foi completamente anexada economicamente e culturalmente pelo Norte. Anexada sem com isso receber todas as benfeitorias que os estados do Norte, os vitoriosos, receberam. Por isso ainda hoje grandes áreas do sul apresentam níveis baixos de desenvolvimento se comparados ao Norte como foi visto após a catástrofe causada pelo furacão Katrina em 2005, o que prova que o sul jamais se recuperou completamente do duro golpe da guerra.

### **Salinger e a desilusão da juventude urbana: a crítica vinda do núcleo do *American Way of Life*.**

Outro conhecido autor americano escolhido foi Jerome David Salinger. Nascido em Manhattan, estado de Nova York em 1919, de pai judeu e mãe de origem escocesa e irlandesa. Escreveu diversos livros e pequenos contos, mas ficou realmente marcado por seu livro mais importante: *O apanhador no campo de centeio*, de 1951.

E não é por acaso, pois é um título cercado de diversos simbolismos e significados. Mark Chapman pediu que o John Lennon autografasse uma edição do livro horas antes de

---

<sup>85</sup> Termo que designa os estados do sul pós-colonial (conhecido por Old South) geográfica, econômica e culturalmente. Mississippi, Alabama e Geórgia são unanimidade entre os teóricos; Louisiana, Arkansas, Tennessee, Flórida, Carolina do Norte e Carolina do Sul são aceitos por um e rejeitados por outros, conforme a fonte e a análise.

assassina-lo em 1981. Kurt Cobain, controverso vocalista da banda Nirvana que cometeu suicídio em 1994, citava este como seu livro favorito. O próprio Salinger, ainda vivente, sempre foi avesso à mídia, não aparece publicamente ou dá entrevistas desde 1980 e não publica livros desde 1965. Obviamente os livros são abertos a leituras pessoais e nem o livro nem Salinger podem ser considerados responsáveis pela interpretação de cada leitor. Mas o que une tantas controvérsias e simbologias juntas em torno de *O apanhador no campo de centeio*?

O livro conta a história de um adolescente, Holden Caulfield, que é expulso de sua terceira escola preparatória: a Pencey Prep, no estado da Pensilvânia. Toda a história, sempre na primeira pessoa, se passa em três dias e é basicamente a sua volta para casa enquanto analisa sua vida até aquele momento. Holden se vê como mocinho e vilão de sua própria história enquanto viaja de volta para sua família (que vive em situação confortável em Nova York). O interessante da história é observar que de certa forma nada acontece. Nenhuma trama espetacular, nenhum plano nem incidente inusitado que subitamente mude o rumo das coisas. Pode parecer entediante, sem fim prático ou moral da história – muitos terminam este livro sem entender porque o leram – mas todo o sentido do livro está nas reflexões do personagem sobre os diversos aspectos da vida de um adolescente comum.

Holden Caulfield é o exemplo do anti-herói. Mete-se em diversas desventuras, mente compulsivamente sem motivo nenhum, é covarde, cínico e completamente irresponsável em seus atos. Em contrapartida demonstra sinais de afeição pelos irmãos D.B, Allie (que morreu de leucemia anos antes) e sobretudo por Phoebe, sua irmã mais nova. É afetuoso no trato com seus pais, pois teme a reação destes ao saberem da expulsão de Pencey. E acima de tudo é um adolescente melancólico e deprimido: as palavras “*depressed/depressing*” (deprimido/deprimente)<sup>86</sup> aparecem inúmeras vezes ao longo do livro, pois vê o mundo dos adultos com muita desconfiança e desesperança. Isso mostra o quanto Holden, apesar de inapto a vida acadêmica, tem uma visão clara da realidade e muita inteligência. Essa inteligência pode ser vista no modo de narrativa que Salinger opta: o personagem não segue uma linha lógica estrutural de narrativa, as coisas são escritas e descritas da mesma forma que nos vem quando pensamos como a descrição de um lugar ou fato no passado. Como se saíssem diretamente da cabeça de Holden Caulfield.

---

<sup>86</sup>Para o artigo utilizei-me de uma edição em inglês. Todas as palavras ou trechos retirados são de tradução pessoal.

Outra palavra muito usada por ele é *phony*. Esta palavra também é usada diversas vezes e tem um significado central para entender o sentimento de Holden. Sem tradução muito aproximada, *phony* quer dizer “aquilo que não é verdadeiro, genuíno” ou “falso, decepcionante, que não é sincero”. Essa palavra resume o que o personagem pensa de muitas coisas, pois acha que tudo e todos mascaram suas verdadeiras atitudes e sentimentos para o mundo. Entretanto, sem perceber, ele usa dos mesmos artifícios para com os outros quando esconde suas falhas e defeitos com mentiras.

Muitas das questões abordadas são típicas dos adolescentes da época, que Salinger consegue passar muito bem através da forma como Holden conta sua história. Ele usa uma linguagem formal que freqüentemente se mescla com a linguagem jovem e urbana cheia de gírias, palavrões e adjetivos. O tema da sexualidade é uma questão da adolescência que também está presente em *O apanhador do campo de centeio* e que de certa forma é um tema que começa a ser mais discutido nos Estados Unidos a partir dos anos 60 com os movimentos de contracultura e o início da ruptura do chamado “consenso”.

A partir daqui podemos retomar a pergunta feita: por que alguns eventos até hoje estão na órbita de *O apanhador no campo de centeio*? O tema principal do livro é a perda da inocência e a não-adequação ao estabelecido; de como Holden Caulfield quer evitar que as crianças não percam a inocência e a pureza (tornarem-se adultos), ou seja, cresçam. Numa das passagens mais representativas do livro e que explica seu título, Phoebe pergunta o que Holden quer ser da vida agora que tinha sido expulso de mais uma escola. A resposta dele é muito emblemática.

*“Seja lá como for, fico imaginando uma porção de garotinhos brincando de alguma coisa num baita campo de centeio e tal. Milhares de garotinhos, e ninguém por perto - quer dizer, ninguém grande - a não ser eu. E eu fico na beira de um precipício. Sabe o quê que eu tenho de fazer? Tenho que agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Quer dizer, se um deles começar a correr sem olhar onde estou indo, eu tenho que aparecer de algum lugar e agarrar todo mundo que vai cair no abismo. Só isso que eu ia fazer o dia todo. Ia ser só o apanhador no campo de centeio. Sei que é maluquice, mas é a única coisa que eu queria fazer. Sei que é maluquice” (SALINGER. 1991 p. 173).<sup>87</sup>*

A história não tem uma data precisa, mas trechos do livro apontam para os anos logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, pois Holden conta que o irmão esteve no desembarque na Normandia e também faz comentários sobre a bomba atômica. Com essa informação somada com a data de lançamento do livro supõe-se que o enredo se passa nos

---

<sup>87</sup> SALINGER, Jerome D. *The catcher in the rye*. Boston: Little Brown Books, 1991. p. 173. Todos os trechos retirados de “The Catcher in the Rye” são de tradução pessoal do autor deste artigo.

governo de Harry Truman, mas não se sabe exatamente durante qual primeiro mandato<sup>88</sup>. Esse foi um governo marcado por diversos eventos em sua política externa, a maioria com forte influência do fim da guerra: questões internacionais com a bipolarização, propaganda anticomunismo, criação da ONU, do Estado de Israel, Guerra da Coréia, Plano Marshall, OTAN e início da corrida nuclear com o Projeto Manhattan. Por outro lado foi um período de expansão da influência cultural e poder brando<sup>89</sup> dos Estados Unidos no cenário mundial. Internamente um governo marcado por greves, enfraquecimento do poder dos trabalhadores e sindicatos (Taft-Hartley Act) em um movimento do que tentava direcionar a economia norte-americana para um cenário sem as demandas da guerra e de espionagem interna a simpatizantes do comunismo, do HUAC (House Un-American Activities Committee) e do Macarthismo. É talvez o fim de uma era de inocência dos Estados Unidos, que nesse momento começa a engajar-se na Guerra Fria, uma guerra total na qual toda a moralidade puritana americana seria posta de lado.

Fazendo um paralelo com o tema deste trabalho que é o *American Way of Life* podemos tirar algumas conclusões quando também confrontadas com o momento histórico norte-americano. Salinger faz uma crítica ao modelo como um todo através de uma visão da juventude, mas nova, urbana e contemporânea: a visão de Holden Caulfield. Crítica a uma sociedade longe de ser ideal que, segundo ele, perdeu a inocência, a sinceridade e a verdade. E sobre os rumos da sociedade americana Salinger diz que é possível uma resignação, como o afeto sincero que Holden sente por Phoebe. Entretanto em momento nenhum Salinger é otimista sobre os fins últimos. Ele termina (embora que não fique claro no livro) internado em alguma clínica, depressivo pensando sobre estes três dias e sem vontade de sair dessa situação. Quando o perguntam sobre se ele dessa vez vai se aplicar aos estudos ele responde:

*“Na minha opinião, isso é o tipo da pergunta estúpida. Quer dizer, como é que a gente pode saber o que é que vai fazer, até a hora em que faz o troço? A resposta é: não sei. Acho que vou, mas como é que eu posso saber? Juro que é uma pergunta estúpida”<sup>90</sup>.*

A melancolia constante de Holden Caulfield também se evidencia no último parágrafo do livro, onde ele diz que sente saudades de tudo que passou, inclusive de

---

<sup>88</sup> Truman assumiu a presidência em 12 de abril de 1945 com a morte de Franklin Delano Roosevelt e reelegeu-se em 1948 numa eleição disputada e controversa contra o republicano Thomas Dewey.

<sup>89</sup> *O paradoxo do poder americano*. pp. 30-41.

<sup>90</sup> *The catcher in the rye*. p. 213.

momentos ruins. Quando nos lembramos, diz ele, e contamos essas experiências é exatamente quando começamos a sentir falta delas. Talvez para Salinger e para seus leitores mais ferrenhos ou radicais seja difícil lembrar de uma sociedade americana de outrora tão ideal que o autor parece lembrar com saudosismo e que agora ela tenha “crescido”: caiu no abismo sem nenhum apanhador no campo de centeio para agarrá-la antes da queda.

### **A degradação da sociedade americana: americanos, imigrantes e Steinbeck.**

O celebrado autor John Steinbeck é talvez um dos mais famosos e lidos da literatura norte-americana do século XX. Nascido em Salinas no estado da Califórnia, Steinbeck escreveu diversos livros cujos temas principais refletiam sua empatia pela causa dos trabalhadores, dos imigrantes, sobretudo quando relacionados a Grande Depressão. Seus personagens principais eram em sua maioria sofridos e batalhadores e suas histórias refletiam a realidade vivida dos Estados Unidos da América: a situação de uma classe trabalhadora muito grande, nada homogênea, muito específica especialmente por essa mescla de influências, sejam elas imigrantes ou do protestantismo fundador do país e que sofria enormemente com a grande crise econômica. Provavelmente a grande homogeneidade social, cultura e étnica da cidade de Salinas, grande pólo de imigração no início do século XX, tenha despertado em Steinbeck o gosto por um tema antes não tão bem explorado.

Dentre muitas obras consagradas, a escolhida para análise por uma adequação ao tema ainda que boa parte de sua obra poderia ser aqui discutida: *O inverno da nossa desesperança*, de 1961. Nele o personagem principal é Ethan Allen Hawley, descendente de uma família tradicional e próspera de capitães do mar da Nova Inglaterra<sup>91</sup> e que devido a Grande Depressão perdeu tudo. Ele vive na cidade fictícia de New Baytown com sua mulher Mary e seus filhos Allen e Ellen e trabalha numa mercearia que foi de sua família e no momento pertencia a Marullo, um imigrante italiano.

Ethan trabalha duro e não prospera. A vida e a família exigem cada vez dele uma situação financeira impossível de ser alcançado. Um dia a sempre insinuante Sra. Young-Hunt usa de cartas de tarô (e da inocência de Mary) e vê no destino do homem muito

---

<sup>91</sup> Região no extremo nordeste do território norte-americano que é composta pelos estados do Maine, New Hampshire, Vermont, Connecticut, Massachusetts e Rhode Island.

dinheiro e um cargo importante na cidade. Concomitantemente, um distribuidor lhe oferece propina em um negócio que envolve a mercearia de Marullo. Esse dia é o divisor de águas que separara o excessivamente honesto e ético Ethan, portador da moral de um descendente dos primeiros peregrinos chegados no Mayflower<sup>92</sup> para um homem que se transforma um pouco a cada dia. Nas palavras do protagonista da história:

*“A estrutura da minha mudança era formada por sensações, pressões externas, o que Mary queria, os desejos de Allen, a raiva de Ellen, a ajuda do Sr. Baker. Suponhamos que meu trabalho humilde e interminável como balconista não seja absolutamente nenhuma virtude, mas apenas preguiça moral? Para que se obtenha sucesso é preciso ser ousado”<sup>93</sup>*

New Baytown é uma cidade onde as coisas se movem por meios tortuosos e não muito honestos; os nomes importantes como o banqueiro Sr. Baker ou Marullo e outros mandam na cidade. A partir daí começa um jogo de artimanhas e informações que têm como objetivo a reascensão da família Hawley em New Baytown. Ethan denuncia Alfio Marullo ao Serviço de Imigração e fica com o estabelecimento de uma forma que não se indis põe com o ex-patrão. Este justamente que por ele começa a criar uma afeição a sua maneira e Ethan faz todos acreditarem que comprou a loja do italiano, que quisera por vontade própria voltar sua terra natal. Também dá dinheiro suficiente a Danny Taylor, seu amigo de infância, se embebedar até a morte e através de outra artimanha também simular que o amigo morto teria passado para ele terrenos de valor considerável. Além disso, Ethan passa a toda a história maquinando um assalto ao banco do Sr. Baker, sem nunca concretizar.

Diferentemente de Salinger, Steinbeck é explícito ao contextualizar historicamente o livro: o ano é 1960, governo de Dwight D. Eisenhower. Eisenhower nasceu em família de origem alemã e forte influência religiosa, serviu o exército e foi comandante das tropas aliadas na Segunda Guerra Mundial e sucedeu Harry Truman. Seu governo foi marcado pelo conservadorismo, acirramento da Guerra Fria e da corrida nuclear, políticas antiexpansão do comunismo na Ásia, preocupação com a defesa interna do país, admissão do Alaska e do Hawaii como 49º e 50º estados respectivamente, expansão de políticas iniciadas no *New Deal* para os cidadãos americanos ao mesmo tempo em que restringia os

---

<sup>92</sup> Nome da famosa embarcação que transportou os peregrinos de Plymouth, na Inglaterra para a Plymouth colonial, no Massachussets. Trouxe os primeiros colonizadores da Nova Inglaterra e é conhecido como símbolo de empreendedorismo. Ser descendente dos emigrados do Mayflower é recorrentemente utilizado como sinal de *status* e pureza aos seus descendentes.

<sup>93</sup> STEINBECK, John. *O inverno da nossa desesperança*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006. pp. 116-17.

direitos dos estrangeiros, Revolução Cubana e o acordo que levou ao fim da Guerra da Coreia.

Qual a relação entre o *American Way of Life*, esses tempos de conservadorismo e desconfiança e a história de Ethan Allen Hawley? *O inverno da nossa desesperança* (título retirado de uma frase de Ricardo III, de Shakespeare e que é recitada pelo protagonista) tem primeiramente a mensagem da degradação da sociedade americana. Ethan abandona o exemplo de grandes e nobres homens e mulheres cidadãos dos Estados Unidos (seu pai ainda que este seja o responsável pela decadência dos Hawley, seu avô capitão de baleeiro e sua tia avó Deborah) que Steinbeck metaforicamente chama de “luzes acesas” no último capítulo do livro. E o símbolo desse vínculo com o passado é um talismã; uma pedra cor-de-rosa incrustada com símbolos que não tem simbologia nenhuma senão para ele próprio.

Os defeitos de Alfio Marullo, um siciliano duro e sem trato social (a típica figura do “carcamano”) entram em outra discussão. Steinbeck foi um autor que tradicionalmente estava envolvido em defesa das minorias, sobretudo dos imigrantes e isso está muitas vezes presente ao longo de sua obra<sup>94</sup>. O imigrante italiano que a princípio atrai uma certa antipatia em sua figura autoritária aos poucos se mostra dócil aos dar doces para Ellen e Allen na Páscoa e emprestar seu carro para o casal Hawley no feriado de Quatro de Julho. Ainda assim Marullo é visto pela cidade e por Ethan como “aquele que rouba o trabalho dos americanos” ou “o que se aproveita dos bônus americanos sem compartilhar os ônus” e uma clara referência ao contexto histórico americano da política do governo Eisenhower. Mesmo com uma participação importante nos negócios de New Baytown, Marullo é visto como um “pária” pelo Sr. Baker que especula e investiga sua vida assim como Joey Morph: quanto tem, o que tem, quando e de que forma chegou aos Estados Unidos entre outras questões.

Ethan é, portanto um símbolo no meio de símbolos da degradação no seio da sociedade americana nos anos 60 e de sua relação com a questão o imigrante, do outro. Steinbeck, assim como Salinger, também não parece ser muito otimista, pois não termina com um final feliz; ele deixa subentendido que o protagonista da história se arrepende da tentativa de suicídio para evitar que outra luz se apagasse. Provavelmente uma referência a filha Ellen, pois Allen já se mostrou corrompido pela falta da ética ao trapacear no

---

<sup>94</sup> Provavelmente sua origem explique sua ênfase na questão do imigrante. O estado da Califórnia foi - e ainda é - um grande pólo de imigração latina e oriental, além dos migrantes internos conhecidos como “Okies”, consagrados em outra obra de Steinbeck: *As Vinhas da Ira* (*The Grapes of Wrath*), de 1939, posteriormente adaptada para ao cinema.

concurso de redação, mas sugere que há uma esperança de redenção e recuperação dos antigos valores morais da sociedade americana. Ali a sociedade americana não era mais inocente e ao mesmo tempo não tão diferente do “outro” como achava ou queria ser; havia aberto mão de toda aquela história excepcional de igualdade, do trabalho como valor primário da sociedade dos Estados Unidos.

## Conclusão

Debatidos os temas dos três livros escolhidos fica a pergunta: qual a relação entre a obra de Faulkner, Salinger e Steinbeck e destas com o *American Way of Life*? A literatura assim como as artes em geral tomaram como função criticar o estabelecido em diversos momentos na história e ganhou corpo especialmente no século XX.

Algumas características são comuns nas obras trabalhadas destes três importantes autores da literatura americana. Primeiramente a descrição muito minuciosa do cenário abordado e por isso a facilidade de se localizar e contextualizar historicamente. As temáticas dos livros são claramente pinturas da realidade social e da própria experiência de cada autor. Em Faulkner o Mississippi como retrato do Sul decadente; em Salinger o mundo urbano pós-guerra e pós-moderno do grande centro pulsante dos Estados Unidos; e em Steinbeck, nascido na Califórnia tradicionalmente permeada pela questão do imigrante e que esteve sempre mais inclinada ao que vinha do “Norte”.

O que chama atenção nos três livros é a decepção e a desilusão com o *American Way of Life*. Cada um deles a partir de seu universo tem uma crítica a esse “grande projeto” que levaria os Estados Unidos e os americanos a um outro nível de conforto, fartura e comodidade social. Sejam as questões propriamente materiais como o não abarcamento desse American Way para todos os lares dos Estados Unidos ou questões culturais como a homogeneização cultural dos grandes meios de comunicação. Ou simplesmente a desilusão com os rumos que a sociedade americana havia tomado quando recebeu as rédeas da hegemonia global.

Pode-se também fazer um paralelo entre as obras. O fato dos três autores serem contemporâneos incita a pensar que possivelmente os livros foram lidos pelos demais autores. Nota-se também a influência mútua além de leituras de outros autores consagrados como F. Scott Fitzgerald, Ernest Hemingway, Sinclair Lewis, Charles Bukowski, Richard Wright entre outros. Steinbeck certamente leu Faulkner, não pela

coincidência do nome da protagonista feminina (ambas chamam-se Ellen), mas também na semelhança na abordagem de uma mesma questão: a transformação de uma outra sociedade americana em detrimento da nova que se forma e uma consciência do passado que se choca com a realidade vivida no momento. Em *O apanhador no campo de centeio* Salinger não pode fazer um paralelo, pois no lugar de um rapaz de 16 anos mais ou menos isso seria impossível. Seu protagonista, apesar de crítico desse meio já é fruto dele, não tem uma consciência de passado, pois não o viveu.

Ethan Allen Hawley, Thomas Sutpen e Holden Caulfield, cada um a sua maneira e representando a sua parte de um grande todo que são os Estados Unidos, são exemplos de pessoas comuns envolvidas nas questões de seus respectivos tempos e espaços. E são instrumentos das críticas ao *American Way of Life*, cada um a sua maneira e conforme sua realidade. Ethan é o típico pai de família prospera e tradicional que perde tudo e se sente no direito, por pertencer a uma história de excepcionalidade, de usar de meios ilícitos para retomar um direito e um status que pertence a ele. Entretanto ele vê esses direitos sendo usurpados pelo outro, pelo estrangeiro. Thomas é o símbolo do sul perdido, o sul derrotado e tão distante do norte em muitos sentidos: uma figura desconhecida, às vezes mal interpretada que tenta sobreviver apesar do Norte o que nos remete às cenas finais de “E o vento levou...” e toda a consequência da derrota sulista. Já Holden é uma crítica a partir dos olhos da juventude que não conheceu o outro lado: uma juventude tipicamente urbana, das grandes cidades desiludida ou desmotivada. É típico da juventude o questionamento do novo e a experimentação, mas o cenário do *American Way of Life* parece não permitir muito. Essa contestação de uma juventude pós-guerra ou nascida no *baby-boom* que se seguiu a ela explica os movimentos de contra-cultura, tão fortes na década de 1960.

Os Estados Unidos da América, fundados sob a firme moral puritana, que nasceram excluindo todo e qualquer direito de nascimento e as outras desigualdades geradas pela sociedade estamental, rejeitando o modelo de monarquia hereditária e estabelecendo a república e acima de tudo baseadas na igualdade e no trabalho haviam nesse processo perdido sua própria essência. John Steinbeck, Jerome D. Salinger e William Faulkner certamente perceberam esse novo rumo que o país tomava e através da literatura fizeram suas críticas ao novo país, provavelmente em detrimento àquele outro que um dia conheceram e que não mais era. Ou nas palavras de Steinbeck, que define o processo com maestria:

“Os Estados Unidos não existiam. Quatro séculos de trabalho, de derramamento de sangue, de solidão e medo criaram essa terra. Construímos uma América e o processo nos tornou americanos – uma nova raça, enraizada em todas as raças, manchada e tingida de todas as cores, uma aparente anarquia étnica. Então, num tempo pequeníssimo, tornamos-nos mais semelhantes do que éramos diferentes – uma nova sociedade; não grandiosa, mas propensa, por nossas próprias faltas, à grandeza, e pluribus unum<sup>95</sup>”.

## **Bibliografia**

ARON, Raymond. *As etapas do pensamento sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BOBBIO, Norberto (org). *Dicionário de Política*. 5ª edição. Ed. UnB: Brasília, 2001.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FACINA, Adriana. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FAULKNER, William. *Absalom! Absalom!* 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira 1981.

---

<sup>95</sup> Do latim, significa: “De muitos, um”. É uma referência a união das Treze Colônias em um único país, mas também é usado para significar a pluralidade da sociedade norte-americana. Foi eleito como lema nacional dos Estados Unidos em 1776, mas desde 1956 divide o título com “In God we trust”.

- FREEMAN, Joshua et al. *Who built America?* Nova York: Pantheon Books, 1992.
- HOBBSAWM, Eric. *Era dos extremos: o breve século XX (1914-1989)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- KARNAL, Leandro et al. *História do Estados Unidos: das origens ao século XXI*. São Paulo: Contexto, 2007.
- LIMONCIC, Flavio. *American Way of Life* In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da (org.) *Enciclopédias de Guerras e Revoluções do século XX*. Rio de Janeiro: Campus, 2004.
- \_\_\_\_\_. *O problema do conservadorismo dos trabalhadores americanos e a nova história do trabalho*. In: *Revista Cultura Vozes*, Rio de Janeiro, v. 95, n. 2, p.94-110, mar/abr 2001.
- NYE Jr, Joseph S. *O paradoxo do poder americano*. São Paulo: Ed. UNESP, 2002.
- PAMPLONA, Marco Antônio S. *Reverendo o Sonho Americano: 1890-1972*. São Paulo: Atual, 1996.
- SALINGER, Jerome D. *The catcher in the rye*. Boston: Little Brown Books, 1991.
- SELLERS, Charles et al. *Uma reavaliação da História dos Estados Unidos: de colônia a potência imperial*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1991.
- STEINBECK, John. *O inverno da nossa desesperança*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006.
- TOCQUEVILLE, Alexis de. *A democracia na América*. 3ª ed. São Paulo: EDUSP, 1988.
- TODOROV, Tzvetan. *A conquista da América: a questão do outro*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- ZOLBERG, Aristide. *A Nation by design: immigration policy in the fashioning of America*. Nova York: Harvard University Press, 2006.

